

## **Tempos difíceis sempre existiram: exercícios sobre a educação e a formação docente**

Difficult times have always existed: exercises on education and teacher training

### **Karina Rousseng Dal Pont**

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/FAED | Departamento de Pedagogia da UDESC/FAED

Florianópolis | SC | Brasil. Contato: karinardalpont@gmail.com



Recebido em: 11 de fevereiro de 2018

Aprovado em: 5 de agosto de 2018

### **O convite para a "aula aberta"**

No dia 26 de novembro de 2018 participei da aula aberta “Um dia, essa luta iria ocorrer”, a convite da professora Ana Maria Hoepers Preve, do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina. A proposta era conversarmos com os estudantes da 4ª fase do curso sobre o que se passava no Brasil a partir da leitura comum do texto “Um dia, essa luta iria ocorrer”, de Vladimir Safatle (2018)<sup>1</sup>. O texto foi publicado durante o segundo turno das eleições gerais do país, no qual a polarização entre dois candidatos acirrava os ânimos e dividia os posicionamentos políticos da população brasileira<sup>2</sup>. Li esse texto dias após sua publicação no anseio de encontrar acalento para minhas inquietações, e o que encontrei nas palavras de Safatle foram formas de verbalizar o que vinha sentindo e observando ao longo da campanha: grupos políticos desejando transformar o país num laboratório de experimentos entre o fascismo e neoliberalismo radical, com pitadas de ressentimento de ordem política, social e moral. Durante o período eleitoral, Safatle expressou em uma aula aberta na USP que era preciso *“falar em nome de nós mesmos”* (AMORIM, 2018), e, ao ser convidada para essa aula após o desalento da

---

<sup>1</sup> Texto publicado pela editora N-1 em formato de “cordéis” no dia 17 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> As eleições gerais no Brasil aconteceram nos dias 7 e 28 de outubro de 2018.

eleição, busquei falar sobre meus movimentos com/pela educação. O meu lugar de fala seria da atuação profissional e daquilo que, ao longo da minha trajetória acadêmica, tenho movimentado nos encontros com pessoas, textos, músicas, obras de arte e a política – especificamente aquilo que havia vivenciado pelas conversas e muita escuta ao longo dos últimos meses de período eleitoral.

Decidi, ao tornar públicas minhas inquietações, expor pela escrita "um modo de vida, onde se compartilha uma certa preocupação com o mundo" (KOHAN, 2017, p. 71); dividir com o grupo de jovens estudantes aquilo que nos afetava, ao mesmo tempo refletir sobre como poderíamos seguir, pois, segundo Safatle (2018, p. 7), "quis a contingência que fôssemos nós as pessoas a fazer essa luta".

Passadas as eleições, as aulas e a vida seguiram seu curso, e com embrulho no estômago, náuseas e tremores, como se um furacão tivesse passado pelo país, caímos num outro lugar e precisaríamos (re)aprender a caminhar por esse novo território. Diante do que havíamos presenciado, era necessário afirmar que essa luta não começaria durante nem após a eleição, e que não terminaria ao fim do mandato de um presidente. O texto de Safatle nos alertara que "não seria possível criar efetivamente uma sociedade igualitária, inclusiva e profundamente livre sem nos confrontarmos sem medo com esses discursos, sujeitos e grupos" (SAFATLE, 2018, p. 6). Era (e ainda é) preciso estar atento ao mundo e compreender que outras formas de fascismo e pensamento totalitário sempre existiram, mesmo entre aqueles e aquelas que batem no peito a favor desta ou daquela política igualitária, mas por baixo dos panos, na surdina, fazem o trabalho que ninguém gosta e acionam sua pequenez em benefício próprio ou de seus grupos. A universidade, as escolas e as igrejas estão cheias de gente assim. Talvez tenhamos nos assustado com a quantidade de pessoas que publicamente assumiram diante de uma figura pública o que sempre sentiam e escondiam dentro de si. "São demônios os que destroem o poder bravo da humanidade", já cantava Chico Science e Nação Zumbi nos anos 1990 (SCIENCE, 1994)<sup>3</sup>.

Este texto endereçava-se a jovens que escolheram a licenciatura como formação inicial. A grande maioria desses estudantes possui entre 19 e 25 anos de idade e não havia vivenciado plenamente as eleições de 2002, quando um partido de esquerda assumiu o governo, muito menos as lutas que antecederam essa eleição, como as Diretas Já nos anos de 1980 ou a eleição de um

---

<sup>3</sup> A música se chama "Monólogo ao pé do ouvido", do disco "Da lama ao caos".

presidente pela população após mais de 20 anos de ditadura militar. Era preciso propor um exercício de pensamento a partir de duas questões: **i)** tempos difíceis sempre atravessaram a educação e a jovem democracia brasileira; e **ii)** como seria possível (re)existir diante do que se anunciava? Escolhi apresentar, além das minhas vivências como professora de Geografia nos anos finais do ensino fundamental, como professora do Curso de Pedagogia, no Ensino Superior e como formadora de professores em atuação na Educação Básica<sup>4</sup>, um diálogo com imagens de algumas obras de arte contemporânea (que venho colecionando há algum tempo) e autores de áreas diversas (que tenho estudado nos últimos tempos). A conversa estava engajada em pensar com os estudantes sobre a formação e a educação em meio a um turbilhão de sentimentos na tentativa de mobilizar corpo e pensamento para que alguma linha nos fizesse fugir do torpor dos dias anteriores e não nos afastássemos das dificuldades em se alcançar isso, dialogando com o texto de Safatle e fazendo-nos lembrar que "nossa única possibilidade é ir para frente" (SAFATLE, 2018, p. 7).

### **Tempos difíceis sempre existiram**

Para iniciar a conversa, buscando escapar do tom de derrotismo em que estávamos mergulhados, escolhi a imagem "Esperança" (Figura 1) e palavras de Paulo Freire (sobre as quais venho me debruçando pelas beiradas no desejo de em breve adensar leituras e estudos). Paulo Freire colado à imagem introduziu a noção de esperança no sentido de *esperançar*: "Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo" (FREIRE, 2000, p. 17).

---

<sup>4</sup> No ano de 2018 atuei entre fevereiro e julho como professora de Geografia na Rede Municipal de São José e no Centro Universitário de São José. No segundo semestre trabalhei por três meses na Rede Municipal de Florianópolis, e desde agosto sou professora substituta na Udesc. Além das atividades de ensino (preparar aula e orientar trabalhos de conclusão de curso), ministrei ao longo do ano mais de 150 horas de cursos de formação continuada em redes municipais de educação do estado de Santa Catarina.

**Figura 1** - Esperança



**Fonte:** Elaboração própria.

Tive o primeiro contato com a imagem durante participação no encontro de formação de professores e professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Estado de Santa Catarina<sup>5</sup>. O professor de Artes da EJA de Criciúma/SC, Marcos Antonio dos Santos, apresentou seus processos de pesquisa e ensino realizados no ano de 2016, cujo projeto intitulava-se "Gaveta dos guardados" inspirado no livro de Iberê Camargo (1998). Esse projeto apresentava aos estudantes alguns artistas e seus processos artísticos, e ao mesmo tempo os levava a vivenciar os espaços de arte da cidade e propunha a construção de trabalhos coletivos e individuais pelo viés da alteridade, memória e identidade. Para os jovens e adultos que frequentam a EJA essa é uma questão importante a ser abordada nas aulas. Muitos retornam à escola após anos afastados por motivos diversos, desde abandono para trabalhar até disparidade idade/série. Questões familiares, mudança de cidade, filhos na adolescência ou falta de oportunidades para seguir com os estudos são fatores que interferem na autoestima desses sujeitos. Foi uma apresentação que comoveu e tocou todos e todas que estavam no auditório. Entre as produções dos estudantes apresentadas pelo professor, essa imagem com o bordado da palavra ESPERANÇA impulsionou a escrita e as reflexões para a aula aberta.

---

<sup>5</sup> Trata-se do encontro de professores do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) para planejamento coletivo, realizado em três períodos entre os dias 31 de outubro e 9 de novembro com a participação de mais de 200 professores e professoras da EJA do estado de Santa Catarina.

Estava naquele período participando de um encontro como formadora de professores e professoras da EJA para discutirmos uma noção de "planejamento integrado" entre as áreas de conhecimento que orientam o currículo escolar de Santa Catarina. Nesses dias de novembro encontrei e conheci profissionais de todo o estado catarinense, de Chapecó a Laguna, passando por Caçador, Canoinhas, Lages, Joinville, Balneário Camboriú, professores de comunidades quilombolas, indígenas, pescadores e agricultores que trabalham, em sua maioria, por Admissão de Contrato Temporário (ACT) na EJA/SC ou no programa ProJovem Campo/SC (BRASIL, 2018b)<sup>6</sup>. Foram duas semanas intensas de trabalho logo após o fim das eleições gerais do país. Estávamos num coletivo de gente, assim como os estudantes do curso de Geografia, desejando conversar sobre o que acabara de acontecer no país e pensar juntos como seguir com a educação.

**Figura 2** - "Educação para adulto"



**Fonte:** ANDRADE, Jonathas de. **Educação para adulto**. São Paulo: 29ª Bienal de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.galeriavermelho.com.br/artista/45/jonathas-de-andrade>. Acesso em: 6 mar. 2019.

<sup>6</sup> O ProJovem Campo – Saberes da Terra é uma modalidade de qualificação profissional e escolarização oferecida desde 2005 a jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental. O programa visa ampliar o acesso e a qualidade da educação a essa parcela da população historicamente excluída do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtiva dos povos do campo.

Entre as conversas estabelecidas com esses grupos estavam aquelas encomendas pela Secretaria de Educação, como planejamento, ressignificação da área de Ciências Humanas, avaliação, e também surgiram temas como a precariedade das estruturas utilizadas pelos estudantes e professores e professoras da EJA (estruturas em sua maioria emprestadas pelas escolas), falta de tempo para encontro de planejamento e, claro, os planos de carreira inexistentes. Foi importante dar tempo e espaço para as conversas, para os professores e professoras falarem das suas experiências e do cotidiano escolar. O perfil dos estudantes e as histórias de vida dos professores atravessaram os encontros. Durante esses dias escutei histórias de professores padres, ex-padres, professor pastor de igreja luterana, professora ex-faxineira de escola, professor filho de criador de galinhas, professor em formação eletricitista que voltou à universidade por conta dos filhos, professora psicóloga, professora mãe e ex-esposa que após o divórcio voltou a estudar, professor indígena... Histórias belíssimas, tão diversas quanto as dos estudantes que frequentam a EJA, com os quais estamos acostumados a trabalhar. Éramos muitos, mas, para um grupo de professores e professoras da área de Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia), o que mais discutíamos, e nos aterrorizava, era compreender o lugar e um posicionamento diante do que nos esperaria. Estávamos tocados por tudo que havíamos vivido recentemente, pois o curso aconteceu nas duas primeiras semanas de novembro, logo após o fim das eleições. Era preciso ter cuidado ao organizar minhas falas para que o objetivo principal do curso não escapasse pelas mãos, além de abrir um tempo durante a formação para escutar os professores e professoras e também acolher suas inquietações:

*Como vou abordar esses temas de política em sala?;  
Acham que doutrinamos? Com qual conhecimento?;  
Incrível, como as pessoas acreditam no que esse cara fala?;  
Na minha cidade briguei com quase todos meus amigos e familiares;  
Professor, o senhor é comunista?, me perguntou um aluno durante a aula.*

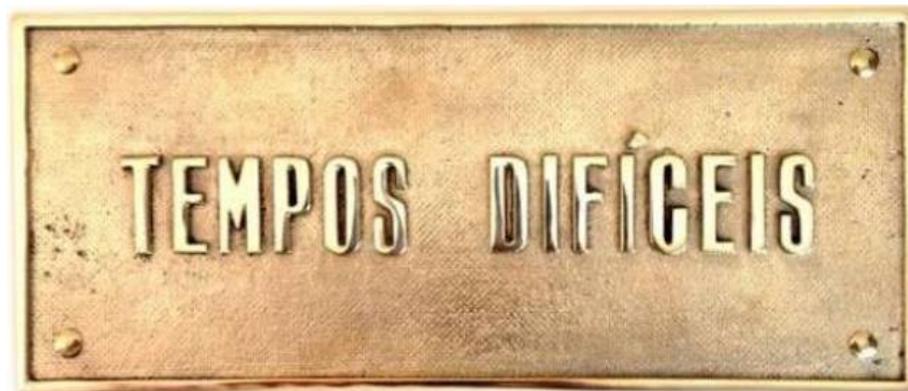
As preocupações dos professores e das professoras se legitimava pelo modo como o "Novo Ensino Médio" encontrava-se em curso (BRASIL, 2018a)<sup>7</sup>, além da aprovação de uma

---

<sup>7</sup> Entre as questões que preocupam os professores e professoras das Ciências Humanas está a não obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia na grade curricular, os chamados "itinerários formativos" e uma formação voltada para a profissionalização, além das ameaças que rondam a liberdade de cátedra, prevista pela Constituição de 1988, devido ao projeto "Escola Sem Partido", que tramitava pelo Congresso Nacional.

Base Nacional Comum Curricular que reorganiza o currículo para a Educação Básica em todo o território brasileiro. TEMPOS DIFÍCEIS, sem dúvida.

**Figura 3 - "Tempos difíceis"**



**Fonte:** GRILO, Ivan Grilo. **Tempos difíceis**. 2015. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/monumento-aos-tempos-estranhos-na-mostra-da-casa-franca-brasil/>. Acesso em: 6 mar. 2019.

Um tempo, porém, que não se inicia em 2019. Essas reformas já vinham sendo engendradas. Além dessas reformas de escala macro, os imperativos dos ressentidos com a aquisição de igualdade de direitos e ações afirmativas das minorias legitimadas pelos governos anteriores também já estavam circulando entre nós, pelos nossos estudantes e familiares que se identificaram de alguma forma ou com o discurso neoliberal, ou com as promessas de um país livre do socialismo, contra a ideologia de gênero e doutrinação nas escolas (ou Escola Sem Partido), que lutasse pelos valores da família tradicional brasileira (“bandido bom é bandido morto”, “prefiro um filho morto a um filho gay”, foram frases repetidas e divulgadas à exaustão pelo atual presidente da república). São tempos em que já estamos nos arrastando desde 2016<sup>8</sup> e que nos levaram a repetir incansavelmente que é preciso "AMAR SEM TEMER" (Figura 4) antes mesmo de um candidato defender tais discursos e alcançar os holofotes e o palácio do governo, principalmente por informações divulgadas em redes sociais e pela promessa de um "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"<sup>9</sup> (LONGO, 2018).

<sup>8</sup> No ano de 2016 a presidenta eleita, Dilma Rousseff, sofreu um processo (duvidoso) de impeachment e seu vice, Michel Temer, assumiu o governo.

<sup>9</sup> Slogan da coligação e do candidato vencedor. Segundo a Revista Fórum: "Na Alemanha de Hitler, um dos bordões mais repetidos era o “Deutschland über alles”, que, em português, significa “Alemanha acima de tudo”. O trecho, inclusive, fazia parte do hino nacional alemão, mas foi suprimido ao final da Segunda Guerra Mundial.

**Figura 4 - "Amar sem temer"**



**Fonte:** Elaboração da autora.

Tempos difíceis, ano difícil, iniciado por mim com o retorno à Rede Municipal de São José/SC trabalhando como ACT mais de 40 horas por semana em duas escolas diferentes, com estudantes do Ensino Fundamental e da EJA, e no ensino superior no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José (USJ). Era preciso atravessar de ônibus as pontes que ligam a parte insular de Florianópolis à parte continental da cidade 12 vezes por semana carregando livros, diários de classe, computador e a marmita do almoço, além de dar conta das rotinas semanais e mensais de reuniões de planejamento, organização e execução das avaliações, formação continuada, orientação de trabalhos de conclusão de curso, e estar atenta aos três grupinhos de professores via aplicativos de troca de mensagens. Foi o mesmo ano no qual finalizei com alegria minha tese de doutoramento em Educação (DAL PONT, 2018)<sup>10</sup>, fechamento de um ciclo de 17 anos nas universidades públicas, entre graduação e doutoramento. Desde o fim da graduação em 2004 trabalhei como professora de Geografia na Rede Estadual de Educação de Santa Catarina, na Rede Municipal de Florianópolis e como professora substituta na

---

<sup>10</sup> A tese "A (im)possibilidade do mapa" foi defendida em fevereiro de 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientada pelo professor Leandro Belinaso Guimarães.

Udesc, durante um período de oito anos. Retornei no segundo semestre de 2018 à Udesc após um ano afastada pelo término do meu contrato anterior. Até hoje não sou professora efetiva em nenhuma instituição. Tempos difíceis sempre existiram.

**Figura 5** - "De onde vem a palavra?"



**Fonte:** MIGUEL, Ana. **De onde vem a palavra**. Rio de Janeiro: Exposição Museu de Arte do Rio de Janeiro, (MAR), 2014.

**Nota:** Elaboração da autora, inspirada nos trabalhos da artista.

Durante encontros com professores, professoras e estudantes para quem dei aula no primeiro semestre, diante do que se consolidava como um cenário nebuloso foi preciso tecer algumas linhas mínimas de fuga para tudo que se vivia, se vive e viverá. Diante de tudo que parece tentar nos esgotar, de ameaças à liberdade de cátedra, de ideologismos de meia-tigela, de bastões de beisebol<sup>11</sup>, de placas arrancadas<sup>12</sup>, de corpos perfurados por balas e de emoções afloradas pelo abismo que se abre, é preciso questionar de onde vêm as palavras (Figura 5) "fascismo", "ideologia de gênero", "comunismo", "marxismo", "política"... Numa das minhas aulas para o 7º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, um aluno me indagou, enquanto eu

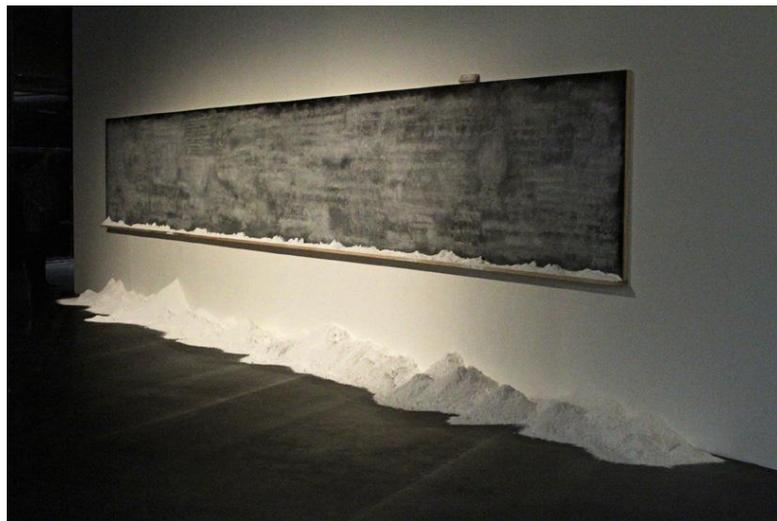
<sup>11</sup> Durante a campanha uma candidata eleita a deputada estadual em Santa Catarina, professora de história, defensora do movimento "Escola Sem Partido", posava nas redes sociais com um bastão de beisebol escrito "direitos humanos".

<sup>12</sup> Durante a campanha um candidato eleito a deputado estadual no Rio de Janeiro arrancou a placa de uma rua com o nome da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018 na cidade do Rio de Janeiro.

abordava as desigualdades do país e quais seriam os posicionamentos dos possíveis candidatos para essas questões: "*mas não é proibido falar de política, professora?*". Após um breve silêncio e certo incômodo da minha parte e de alguns colegas, tomei a palavra “política” e a coloquei no quadro. Apaguei tudo que estava escrito. Parei a aula sobre as desigualdades sociais brasileiras e discutimos uma noção de política, buscando criar coletivamente um entendimento de que desde o momento em que acordamos, escolhemos as roupas que usamos, o que consumimos, a escola em que estudamos, até a eleição de um candidato, somos políticos. Explorando essa noção para além de uma relação com o poder, mas que pode habitar outras instâncias da sensibilidade e do partilhamento de um mundo em comum. Essa discussão encontra-se imbricada de outras noções como “democracia” e “cidadão”, como "aquele que toma parte no fato de governar e ser governado" (RANCIÈRE, 2009, p. 17). Jacques Rancière (2009) apresenta desde Aristóteles uma noção de "cidadão" e coloca em discussão a impossibilidade de dissociar política de democracia, como "um regime *da política*, um regime de indeterminação das identidades, de deslegitimação das palavras, de desregulação das partilhas do espaço e do tempo” (p. 18). A “partilha do sensível”, como uma “redefinição das formas de ver e organizar o real” (PELLEJERO, 2009, p. 20).

Diante desses tempos difíceis que não se iniciaram em 2019 nem findarão em 2023, é preciso criar estratégias de enfrentamento "sobre este mundo mesmo" (Figura 6), pois, segundo Vladimir Safatle (2018, p. 15) "toda política é uma questão de circuito de afetos e estruturas de visibilidade. Trata-se de definir o que pode nos afetar, com qual intensidade, através de qual velocidade". Assim, a escola, os estudantes, os objetos que operam a educação constituem-se nesses “circuitos de afetos” através das palavras compartilhadas, dos sentidos criados pelo exercício docente, criando um lugar de partilhas sensíveis ao mesmo tempo em que se movimenta uma noção de democracia como "inconformidade e dissensão permanente perante os modos nos quais somos constituídos como sujeitos pelo poder” (PELEJERRO, 2009, p. 27).

**Figura 6 - "Sobre este mundo mesmo"**



**Fonte:** MARCELLE, Cinthia. **Sobre este mundo mesmo - lousa e giz.** São Paulo: 29ª Bienal de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.galeriavermelho.com.br/artista/87/cinthia-marcelle>. Acesso em: 6 mar. 2019.

### **Desse "mundo mesmo" que ocupamos com a educação**

Ao ocupar esse lugar de profissionais da educação a pergunta que se coloca é: como partilhar esse comum? Como reconfigurar, ressignificar esse espaço comum de modo a enfrentarmos os "tempos difíceis"? Walter Kohan (2017) nos oferece para pensar, a partir da filosofia de Jan Masschelein e Hannah Arendt, o que faz um professor:

[...] colocar algo sobre a mesa e afirmar assim sua autoridade e responsabilidade. A autoridade diz respeito não a um exercício de poder, mas ao sentido da autoria que inaugura com sua tarefa: algo com autoridade diz algo, significa, abre um sentido, fala, dá vida, aumenta o mundo, cuida dele: a partir do ato de um professor o mundo ganha um outro sentido para o aluno. Daí nasce a responsabilidade pedagógica: colocar algo do mundo sobre a mesa, oferecê-lo aos estudantes chama à responsabilidade por isso que se lhes está oferecendo como objeto de estudo (KOHAN, 2017, p. 79).

Neste ano, minhas tentativas de minimamente atender "o que faz um professor" de acordo com Walter Kohan (2017) foram abrir algumas palavras aos estudantes, "colocar algo do mundo sobre a mesa" e ao mesmo tempo acolher os receios de professores e professoras nos encontros dos cursos de formação. Mas outras linhas que venho seguindo ao longo da minha trajetória na docência, e na pesquisa, buscam estabelecer um diálogo com imagens e processos artísticos que me tocam e me movem na educação geográfica. Não como um modo "melhor" de ensinar, mas

como a constituição de outras forças que ajudam a interpretar e dizer deste mundo como possibilidade de re-existências à cartografia oficial, às metodologias de aprendizagem engessadas, ao currículo oficial, que muitas vezes (ainda) não propõe aproximações entre áreas distintas de conhecimento. Ao longo da minha pesquisa no doutoramento considerei as obras de arte contemporânea como *intercessores* na educação geográfica e na formação de professores e professoras: “os intercessores são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação” (VASCONCELLOS, 2005, p. 1223). Dessa forma, as obras e artistas contaminaram as compreensões em torno das questões que apresento nas aulas e nos cursos, fazendo com que o pensamento sobre/com as imagens possa ser apropriado e apresentado de maneiras diversas ao retirar da fixidez dos conceitos (geográficos e/ou educativos) alguns de seus significados, abrindo-os a poéticas sobre as formas de apresentar o mundo. Esses encontros atuam como mobilizadores do pensamento pelas intensidades dessas imagens ao perfurar e abrir alguns espaços na educação geográfica, significando-a como outras formas de ler, apresentar e "aumentar o mundo" (KOHAN, 2017).

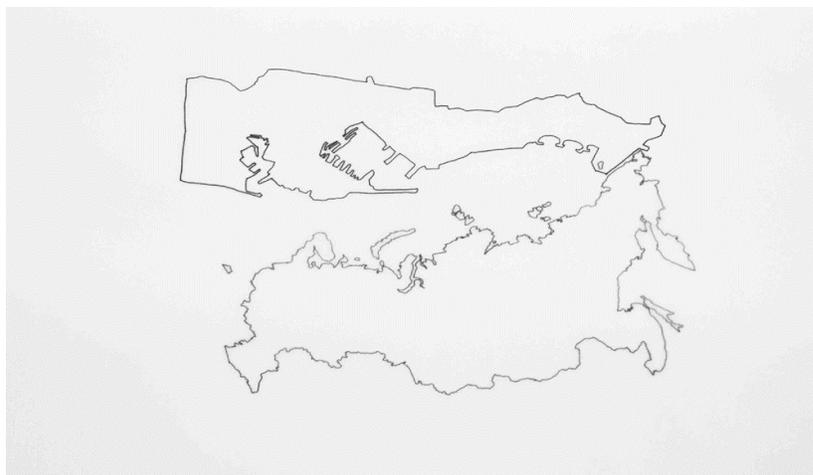
**Figura 7 - “Mapa da utopia”**



**Fonte:** ZHIJENE, Qiu. **The Map of Utopia.** São Paulo: 31ª Bienal de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tropicalidades.wordpress.com/tag/sao-paulo/>. Acesso em: 6 de mar. 2019.

Antes do advento da fotografia e das ferramentas que possibilitaram a visão de cima dos territórios, os cartógrafos criavam mapas do mundo com “dois recursos, nenhum dos quais fazia fisicamente parte da Terra: o céu acima dele e sua própria imaginação” (BROTTON, 2014, p. 13). Assim, Qiu Zhijene (2014), ao criar seu *Mapa da Utopia* (Figura 7) possibilitou o exercício de apresentar com sua “própria imaginação” lugares como “montanha da yoga” ou “lago da família liberdade”, cuja existência se limitava ao período em que a 31ª Bienal se mantivesse aberta à visitação ou aos registros fotográficos. Desse modo, o artista se torna cartógrafo pelo seu processo de criação e cria para si um mar utópico possível de ser habitado durante a exposição. Um mundo foi imaginado e criado pelo toque de grafites na parede em branco. O mapa então funciona como prólogo de narrativas artísticas pela invenção de lugares, de espaços, de localizações. A escala trabalhada pelo artista projetou linhas cartográficas que afirmaram a existência de lugares, territórios e fronteiras. Ao finalizar o período de visitação, o grafite foi coberto de branco e aquele território transitório deixou de existir (DAL PONT, 2018).

**Figura 8 - "Mônaco encontra a Rússia"**



**Fonte:** REDIN, Mayana. **Mônaco encontra a Rússia.** 2011. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/mayana-redin/>. Acesso em: 6 de mar. 2019.

Em 2011, quando o desejo de submeter o projeto de pesquisa a algum programa de pós-graduação ainda não tinha ganhado corpo, visitei a 8ª Bienal do Mercosul (ROCA, 2011), cujo tema era *Ensaio de geopoéticas*. Entre uma imensidão de obras, uma em especial chamou minha

atenção: *Geografias de encontros*, da artista brasileira Mayana Redin. Era uma apresentação bem singela de seu trabalho, mas que se aproximava muito das práticas desenvolvidas na educação cartográfica. Nessa série de desenhos, territórios se encontram de forma fictícia, acionados por elementos da cartografia geográfica, como *Rio Amazonas encontra Rio Nilo*, entre outros tantos. O suporte escolhido pela artista era extremamente simples, papéis vegetais emoldurados com decalques de territórios. Em situações cotidianas de ensino, esse tipo de questionamento sobre os processos modernos de produção e os mecanismos de poder que envolvem a concepção e divulgação dessas representações é pouco realizado em sala de aula. Assim como a imagem-mapa ainda é muito poderosa em seus modos de proliferar uma verdade (única) sobre o mundo e os modos de representá-lo. Félix Guattari e Suely Rolnik (2011) afirmam que tudo o que nos rodeia é produzido por “sistemas de conexão direta entre grandes máquinas de controle social e instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (p. 35). E o mapa, a cartografia oficial e os modos como ainda são ensinados nas escolas são questões que ainda precisam ser enfrentadas, assim como esse cenário político que visualizamos diante de nós. Tempos difíceis continuam a existir, e tudo isso é considerado mais uma parte dessas “máquinas de controle” que definem “maneiras de perceber”, ler e compreender o mundo.

### **Considerações (possíveis) finais**

Do que se trata isso tudo? Em primeiro lugar foi preciso estudar, pensar, criar exercícios e com um texto e como nos mobiliza em uma conversa sobre o que sentimos e pensamos diante do que estava acontecendo no país. Depois foi preciso articular esses estudos às vivências intensivas com a educação durante esse período e exercitar a escuta, acolher as narrativas proporcionadas pelos encontros com professores e professoras. Retomar as lutas que empregamos cotidianamente nas escolas, nas universidades, nos espaços de atuação profissional. Mas também é mais do que isso. Trata-se de empreender um modo de nos mobilizarmos a inventar estratégias a partir do nosso lugar e enfrentar o terror diante do que está instituído no país após o período eleitoral.

De acordo com Safatle (2018, p. 14) "se gerir a gramática do visível na vida social ser reconhecido é existir, o que não é reconhecido, não existe". Continuaremos a existir, a reconhecer o que existe, pois ainda temos muito que reconstruir. O que temos em comum é o lugar que ocupamos e os modos que criamos para lidar com tudo que virá. Exercitar o verbo "esperançar",

de Paulo Freire, ao "fazermos juntos, de outra maneira" (FREIRE, 2000). Ainda que corramos o risco de sermos desimportantes ou pequenos demais, ou ACT demais. Para isso é imprescindível inventar outros modos de ver o que nos cerca, criar um novo idioma, como nos ensina Rancière (2009). Pensar sobre a nossa formação e nossa existência para além das palavras, dos slogans prontos, dos elementos que definem "a forma de vida fascista e suas patologias" (SAFATLE, 2018, p. 13). Afinal, como afirma Valter Hugo Mãe:

As palavras não são nada. Deviam ser eliminadas. Nada do que possamos dizer alude ao mundo o que ele é [...] Para a linguagem as pedras reclamam o direito de não existir. Se as nomeamos não estamos senão a enganarmos-nos voluntariamente. Às pedras nunca enganaremos. Elas sabem que existem por outros motivos e talvez suspeitem que o nosso desejo de falar seja só um modo menos desenvolvido de encarar a evidência de existir (2014, p. 29).

Como afirmei ao longo desta escrita, e com o exercício proposto pela aula aberta: tempos difíceis vivemos desde sempre.

**Figura 9** - "Deixe-me ver"



**Fonte:** FAVERO, Sandra Correa. *Palestra "Estuário"*. Florianópolis: Museu Victor Meirelles, 2015. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/ibram-agenda/palestra-estuário-com-sandra-correia-favero/>. Acesso em: 6 mar. 2019.

Apesar de tudo que vivemos é preciso deixar-se ver o mundo, o país, a educação, as pessoas por/com outros objetos e desejos para seguir re-existindo com a educação. Implodir algumas palavras e reinventar outras, circular pelos espaços da arte, da literatura, da filosofia. Exercitar a postura do estudo como incompletude, lidar com a nossa formação como essa

incompletude, como potência e abertura ao novo intensificado pela invenção de estratégias mais inventivas com a educação. Pensar sobre o encontro com os professores e estudantes de um curso de licenciatura e aquilo que se pode oferecer à reflexão "não um modo novo de ser docente, [...] buscar pensar em um movimento contínuo de formação que se de-forma, [...] é preciso estar num sempre caminhar, em um modo de ser docente que se dá pelo processo, pela experiência, pelo acontecimento, pelos encontros" (PEREIRA, 2016, p. 120). Quem sabe por aí possamos tornar sensível essa luta, que um dia iria ocorrer.

## Referências

AMORIM, Paulo Henrique. Safatle reúne alunos na USP para enfrentar o Bolsonaro. **Conversa Afiada**, Rio de Janeiro, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/cultura/safatle-reune-alunos-na-usp-para-enfrentar-o-bolsonaro1>. Acesso em: 28 dez. 2018.

BROTTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos guardados**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DAL PONT, Karina Rousseng. **A (im) possibilidade do mapa**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189033>. Acesso em: 28 dez. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KOHAN, Walter Omar. Em defesa de uma defesa: elogio de uma vida feita na escola. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 65-86.

LONGO, Ivan. "Brasil acima de tudo": Slogan de Bolsonaro faz referência ao da Alemanha nazista. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 9 out. 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/brasil-acima-de-tudo-slogan-de-bolsonaro-faz-referencia-ao-da-alemanha-nazista/>. Acesso em: 28 dez. 2018.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BRASIL. MEC. **Novo Ensino Médio - perguntas e respostas**. Brasília: MEC, 2018a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 27 dez. 2018.

BRASIL. MEC. **Projovem Campo - Saberes da Terra**. Brasília: MEC, 2018b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/projovem-campo--saberes-da-terra>. Acesso em: 27 dez. 2018.

PELLEJERO, Eduardo. A lição do aluno: uma introdução à obra de Jacques Rancière. **Saberes: Filosofia e Educação**, Natal, v. 2, n. 3, p. 20-30, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/574>. Acesso em: 27 dez. 2018.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas**: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCA, José. Ensaio de Geopoética. In: BIENAL DO MERCOSUL, 8. 2011, Porto Alegre. Porto Alegre: Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://www.fundacaobienal.art.br/bienais/8%C2%AA-Bienal-do-Mercosul>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Um dia essa luta iria ocorrer**. Série Pandemia. São Paulo: n-1 publicações, 2018. Disponível em: [https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel\\_um\\_dia\\_esta\\_luta\\_issuu](https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel_um_dia_esta_luta_issuu). Acesso em: 17 out. 2018.

SCIENCE, Chico. **Monólogo ao pé do ouvido**. [Rio de Janeiro]: Estúdio Nas Nuvens, 1994. 1CD (50 min.).

VASCONCELLOS, João. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27276.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2017.